

# A família lingüística Caribe (Karíb)

Sérgio Meira<sup>1</sup>

*Resumo* - Este artigo apresenta um panorama geral da família lingüística caribe (ou Karíb), uma das três maiores e mais espalhadas da América do Sul, junto com as famílias Tupi e Arawak. Dá-se especial atenção às línguas vivas da família, sua localização, classificação e situação atual.

*Palavras-chave:* Caribe (Karíb). Línguas sul-americanas. Famílias lingüísticas. Lingüística histórico-comparativa. Lingüística descritiva.

## Introdução

Há, no Brasil, uma grande, embora pouco visível, diversidade lingüística: cerca de 170 línguas indígenas são faladas por aproximadamente 150.000 pessoas, em diferentes regiões e situações. Algumas têm apenas um ou dois falantes e estão prestes a desaparecer; outras contam com mais de 10.000 falantes e parecem ter seu futuro assegurado, pelo menos a curto prazo. Contudo, mesmo nos melhores casos, as populações são pequenas: nenhum grupo chega sequer ao tamanho de uma cidade brasileira de pequeno porte. É essa pequenez dos grupos indígenas que os torna, em geral, invisíveis à maioria dos brasileiros, que se contenta em ver no Brasil um país de uma língua só.

As várias línguas indígenas brasileiras são, em geral, bastante diferentes entre si. Algumas delas são tão afastadas umas das outras (e também do português) quanto, por exemplo, o chinês, o inglês e

o árabe. Outras, porém, são parecidas entre si como o português, o espanhol e o italiano. Há, portanto, *famílias lingüísticas* no Brasil, comparáveis à família das línguas neolatinas (português, espanhol, catalão, italiano, francês, romeno) ou à das línguas germânicas (inglês, holandês, alemão, sueco, norueguês, islandês). O parentesco se torna evidente na comparação do vocabulário dessas línguas, como nos exemplos abaixo.

Tabela 1: comparação de palavras em algumas línguas germânicas e neolatinas

<u>português</u>	<u>espanhol</u>	<u>italiano</u>	<u>catalão</u>	<u>francês</u>	<u>inglês</u>	<u>holandês</u>	<u>alemão</u>	<u>sueco</u>
<i>livro</i>	<i>libro</i>	<i>libro</i>	<i>llibre</i>	<i>livre</i>	<i>book</i>	<i>boek</i>	<i>Buch</i>	<i>bok</i>
<i>homem</i>	<i>hombre</i>	<i>uomo</i>	<i>home</i>	<i>homme</i>	<i>man</i>	<i>man</i>	<i>Mann</i>	<i>man</i>
<i>quatro</i>	<i>cuatro</i>	<i>quattro</i>	<i>quatre</i>	<i>quatre</i>	<i>four</i>	<i>vier</i>	<i>vier</i>	<i>fyra</i>
<i>terra</i>	<i>tierra</i>	<i>terra</i>	<i>terra</i>	<i>terre</i>	<i>land</i>	<i>land</i>	<i>Land</i>	<i>land</i>
<i>vir</i>	<i>venir</i>	<i>venire</i>	<i>venir</i>	<i>venir</i>	<i>come</i>	<i>komen</i>	<i>kommen</i>	<i>komma</i>

Esta curta lista já basta para a identificação das línguas neolatinas e germânicas: as semelhanças e diferenças tornam os agrupamentos bastante óbvios. O mesmo ocorre com as línguas indígenas brasileiras:

Tabela 2: comparação de palavras em algumas línguas indígenas brasileiras

<u>Tiriyó</u>	<u>Katxuyana</u>	<u>Kuikúro</u>	<u>Makuxi</u>	<u>Kamayurá</u>	<u>Aweti</u>	<u>Mawé</u>	<u>Português</u>
<i>tuna</i>	<i>tuna</i>	<i>tunga</i>	<i>tuna</i>	<i>'y</i>	<i>'y</i>	<i>y'y</i>	água
<i>konopo</i>	<i>konoho</i>	<i>kongoho</i>	<i>kono'</i>	<i>aman</i>	<i>aman</i>	<i>ja'mang</i>	chuva
<i>ëema</i>	<i>osma</i>	<i>ama</i>	<i>e'ma</i>	<i>ape</i>	<i>ape</i>	<i>mu'aap</i>	caminho
<i>okomo</i>	<i>okomo</i>	<i>õkõ</i>	<i>okong</i>	<i>kap</i>	<i>kap</i>	<i>ngap</i>	vespa
<i>je</i>	<i>jo</i>	<i>i</i>	<i>je</i>	<i>ãi</i>	<i>ãi</i>	<i>hãi</i>	dente

Olhando-se para os exemplos acima, é fácil ver que o Tiriyo, o Katxuyana, o Kuikuro e o Makuxi formam uma família, a qual recebeu o nome de família *Caribe* (ou *Karíb*), enquanto que o Kamayurá, o Aweti e o Mawé formam outra, a família (às vezes chamada “tronco”) *Tupi*<sup>2</sup>. Estas duas famílias são bastante grandes, cada uma com cerca de quarenta línguas. Além delas, há também muitas outras famílias lingüísticas na América do Sul, algumas grandes (as famílias Arawak, Pano, Macro-Jê etc.), outras menores (as famílias Arawá, Katukina, Maku etc.), e até mesmo línguas isoladas, sem nenhum parente conhecido (como o Trumai, o Kwazá, o Irantxe etc.).

#### Localização geográfica

Mapa 1. As famílias caribe (vermelho escuro) e tupi (verde claro)



A família caribe tem, como já foi dito acima, cerca de quarenta membros, repartidos entre vários países da região amazônica: além do Brasil, há línguas desta família na Colômbia, na Venezuela, na Guiana, no Suriname e na Guiana Francesa. No mapa ao lado, podem-se ver as áreas onde há falantes de línguas das famílias Caribe (em vermelho) e Tupi (em verde). É fácil ver que as línguas Caribe se situam, em sua maioria, ao norte do rio Amazonas, ao contrário das línguas Tupi, encontradas sobretudo ao sul do Amazonas. Antes do descobrimento, a família Caribe se estendia também pelas ilhas do Caribe, e parecia estar em plena expansão para o norte.

Mapa 2. Localização atual das línguas Caribe (línguas vivas em negrito; línguas mortas em tipo claro). Siglas: **Ak** Akuriyó, **Ar** Arara, **Bk** Bakairi, Ch Chayma, **Dk** Ye'kwana, **Hk** Hixkaryana, **Ik** Ikpeng, **Ka** Karinya, **Kh** Karihona, Km Cumanagoto, **Kp** Kapong, **Ks** Katxuyana, **Mk** Makuxi, **Mp** Mapoyo, **Pe** Pemong, Pi Pimenteira, Pm Palmella, **Pn** Panare, **Ti** Tiriyo, Tm Tamanaku, **Yu** Yukpa, **Yw** Yawarana, **Wm** Waimiri-Atroari, **Ww** Waiwai, **Wy** Wayana



A distribuição atual das línguas Caribe, como seria de se esperar, reflete a evolução histórica das relações entre as populações originais e os invasores europeus. Como se pode ver no Mapa 2, não há mais línguas Caribe nas ilhas caribenhas; o nome “Caribe”, ou “Mar das Caraíbas”, registra apenas sua presença histórica, mas desde o século XIX já não se encontram lá falantes destas línguas<sup>3</sup>. Também quase não há mais falantes de línguas Caribe no litoral norte da América do Sul, com exceção de algumas aldeias Karinya (p.ex. Awala na Guiana Francesa, ou Galibi, no Suriname, ambas às margens do rio Maroni ou Marowijne). As línguas Caribe modernas concentram-se no interior do Maciço das Guianas e na região entre o rio Orinoco, na Venezuela, e o estado de Roraima, no Brasil. Fora desta área, encontramos apenas algumas línguas no sul: o Arara, no sul do Pará; o Ikpeng e o Kuikuro (com seus dialetos Kalapalo, Nahukwa e Matipu), no Alto Xingu; e o Bakairi, ainda mais ao sul, nos rios Paranatinga e Arinos (parte formadora do Tapajós), e umas poucas línguas geograficamente isoladas, como o Yukpa, perto do lago Maracaibo, no norte da Venezuela, e o Karihona, com alguns poucos falantes ainda vivos no rio Caquetá, na Colômbia. Parece haver razão para se supor, para esses casos, uma emigração a partir da área central venezuelo-guianense: os Karihona são claramente recém-chegados à Colômbia (e sua língua é muito próxima à de certas línguas das Guianas, como o Tiriyo, o que sugere que tenham vindo há não muito tempo no Suriname), e os Bakairi, cuja língua (embora muito mais remotamente) apresenta certas características que a ligam a línguas guianenses (p.ex. com o Apalaí), ainda mantêm em sua tradição oral a memória de que “vieram do norte” onde “atravessaram rios enormes”<sup>4</sup>.

## Histórico

Na época do descobrimento, línguas da família Caribe estiveram entre as primeiras a serem encontradas pelos europeus (junto com línguas da família Arawak, que também eram faladas nas ilhas do Caribe). A própria palavra “caribe” provém de uma língua desta família (onde há freqüentemente termos parecidos, como *kari’na*, *karifna*, *karipono*, *karipuna* etc., todos significando “ser humano”, “gente”), e foi o termo adotado pelos europeus para se referirem aos falantes de línguas Caribe que encontraram nas ilhas do Caribe e nas costas das três Guianas e da Venezuela. De fato, mesmo hoje em dia, a língua mais falada da família chama-se “caribe” (em inglês, *Carib*) ou “galibi” (ou Karinya, para os seus falantes). Da palavra “caribe” deriva-se também “canibal” (freqüentemente “caribe” ou “caribal” nos primeiros textos europeus), pois os falantes de línguas Caribe tinham a reputação de comerem carne humana, o que impressionou os europeus. (Note-se que, até hoje, um dos nomes da piranha no espanhol dos países amazônicos é “pez caribe”, ou “peixe caribe”.)

As primeiras línguas Caribe foram encontradas pelos europeus nas ilhas do Caribe e no litoral das Guianas (Galibi) e da Venezuela (Chayma, Cumanagoto) já na época do descobrimento da América, mas seu parentesco permaneceu desconhecido até que um missionário jesuíta, o padre Filippo Salvadore Gilij, observou a semelhança entre as línguas Caribe da área onde ele trabalhava (o médio Orinoco, na Venezuela, onde se falavam o Tamanaku, o Pareka, o Avarikoto etc.). Em seu extenso *Saggio di Storia Americana* (*Ensaio de História Americana*, publicado, em quatro volumes, entre 1780 e 1783), Gilij refere-se ao “caribe” (ou galibi)

como “língua-mãe” a partir da qual se derivaram várias outras faladas na bacia do Orinoco. Após Gilij, outros pesquisadores se interessaram pelo parentesco entre as línguas Caribe, entre os quais exploradores como merece menção Lucien Adam, o qual publicou uma coleção de *Materiais Destinados ao Estabelecimento de uma Gramática Comparada dos Dialectos da Família Caribe*, em 1893. Já antes disso, no final da década de 1880, Karl von den Steinen, um explorador alemão, havia encontrado línguas Caribe ao sul do Amazonas (o Bakairi, por um lado, e o Kuikuro, este último incluindo também o Kalapalo, o Nahukwa e o Matipu, com os quais forma um *continuum* dialetal), estendendo, assim, a família até o Brasil central (o rio Xingu, para o Kuikuro, e, ainda mais ao sul, os rios Paranatinga e Teles Pires, para os Bakairi).

A descrição do Tamanaku por Gilij, no século XVIII, não foi a primeira: já em 1655 aparecia a primeira lista de palavras do Karinya (Galibi), publicada por Pelleprat, logo seguida pelas de Biet (1664) e Breton (1665); em 1680, Tauste publicou uma gramática do Cumanagoto, logo seguida pela de Yangués em 1683, e pela de Ruiz Blanco em 1690. Contudo, a gramática de Gilij destaca-se como a mais bem escrita, incluindo comparações com outras línguas e análises surpreendentemente argutas e modernas das estruturas do Tamanaku, tão diferentes do que se encontra normalmente nas línguas europeias com que Gilij tinha familiaridade. Gilij estava obviamente interessado na língua que descrevia como tal, não apenas como instrumento para a catequese de seus falantes (ao contrário de Yangués, Tauste e Ruiz Blanco, e mesmo de autores missionários posteriores, como Vegamián,

em 1978, sobre o Yukpa); a qualidade da sua descrição só foi ultrapassada com o aparecimento das primeiras descrições feitas por lingüistas.

No século XIX, a descrição do Bakairi, por Steinen (publicada em 1892) é, sem dúvida, a melhor; ela inclui também uma comparação detalhada das palavras do Bakairi com as de outras línguas Caribe do norte e algumas tentativas de classificação e reconstrução da proto-língua da família. O trabalho de Lucien Adam, acima citado, também compara palavras e estruturas gramaticais das línguas Caribe, sem, contudo, adicionar grandes novidades. Foi necessário esperar até o século XX para que aparecessem novas descrições, por C. H. de Goeje (em 1909, e, mais tarde, em 1946), de línguas como o Tiriyo, o Wayana e o Karinya (Galibi), bem como comparações mais detalhadas. Koch-Grünberg, um explorador alemão, publicou também extensas listas de palavras de várias línguas Caribe, bem como uma descrição gramatical do Taurepan (uma variedade do Pemon) em 1916. Devem-se mencionar aqui também os trabalhos de C. Armellada (em 1943), os quais, se bem que problemáticos em certos aspectos, são contudo muito ricos e detalhados. A quantidade de material disponível, e o interesse dos especialistas, crescia a olhos vistos.

A primeira descrição gramatical de uma língua Caribe feita por um lingüista profissional foi a de B. J. Hoff, em 1968, sobre o Karinya (Galibi) do Suriname. Logo em seguida veio a descrição do Hixkaryana por D. Derbyshire, em 1979 (refeita em 1985), a qual atraiu o interesse da comunidade lingüística devido a certas propriedades inusitadas das línguas Caribe (a “ordem OVS”; veja-se a próxima seção). Seguiram-se outras, sobre o Waiwai



(Hawkins 1998), o Makuxi (Abbott, 1991; MacDonnell, 1994), o Apalaí (Koehn & Koehn 1986), o Wayana (Jackson, 1972; Tavares, 2005), o Panare (Mattei Muller 1994), o Ye'kwana (Hall 1988) e o Tiriyó (Meira, 1999; Carlin, 2004); e também um número crescente de teses e dissertações de pós-graduação, sobre línguas como o Bakairi (Souza, 1994), o Ikpeng (Pachêco, 2001), o Arara (Souza, 1993), o Yawarana, o Waimiri-Atroari, o Yukpa e o Mapoyo (1997). Publicaram-se também mais artigos sobre todas essas línguas, um dos quais menciona uma nova língua da família, o Pémono, sobre o qual ainda há poucos dados publicados (Mattei Muller 2003). Devem-se também mencionar novos estudos comparativos, nos quais se discute a evolução histórica das línguas da família, de grande importância para a sua classificação: Girard (1971), Gildea (1999), Meira (2000). A comunidade de especialistas em línguas Caribe vem crescendo, e sua produção científica vem aumentando concomitantemente; há grande vitalidade e entusiasmo neste campo.

#### Situação atual

Como se pode ver na Tabela 3, as línguas Caribe, como a maioria das línguas indígenas brasileiras, têm em geral poucos falantes: metade das línguas ainda existentes possuem menos de mil falantes, e três delas (Karihona, Akuriyó, Mapoyo) têm menos de dez. Estas últimas estão em vias de extinção, e seus últimos falantes podem inclusive desaparecer antes da publicação deste artigo. Somando-se todos os números da Tabela 3, o total não chega a 53.000, um número bastante pequeno.

Tabela 3: Línguas Caribe ainda faladas, com número aproximado de falantes

Makushi	12.000	Bakairi	900
Karinya (Galibi)	10.000	Hixkaryana	600
Pemon (Arekuna, Taurepan...)	5.000	Kuikuro	500
Kapon (Akawaio, Patamona...)	5.000	Apalaí	400
Ye'kwana (Makiritare)	5.000	Yawarana	300
Panare	3.100	Ikpeng (Txikão)	300
Yukpa (+ Japreria)	3.000	Arara	200
Waiwai	2.500	Katxuyana	50
Tiriyó	2.000	Karihona (Carijona)	5
Wayana	1.000	Akuriyó	3
Waimiri-Atroari	1.000	Mapoyo	3

Esta situação se deve sobretudo às conseqüências do contato com os invasores europeus. Muitas das primeiras línguas Caribe encontradas na época do descobrimento estão hoje extintas: das línguas mencionadas por Gilij em 1782, apenas o “caribe” (Karinya, ou Galibi) continua a ser falado, enquanto outras, como o Tamanaku, o Pareka, o Cumanagoto e o Chayma, já desapareceram. Havia uma língua Caribe falada no estado de Rondônia, o Palmella, e outra no Piauí, o Pimenteira; ambas não mais existem, e temos delas apenas os pequenos vocabulários coletados pelos exploradores que as mencionaram. Há ainda outras mencionadas por exploradores (p.ex., Sapará e Wayumará, por Koch-Grünberg, na área entre Roraima e o Orinoco). Aparentemente, um número considerável de línguas Caribe já se

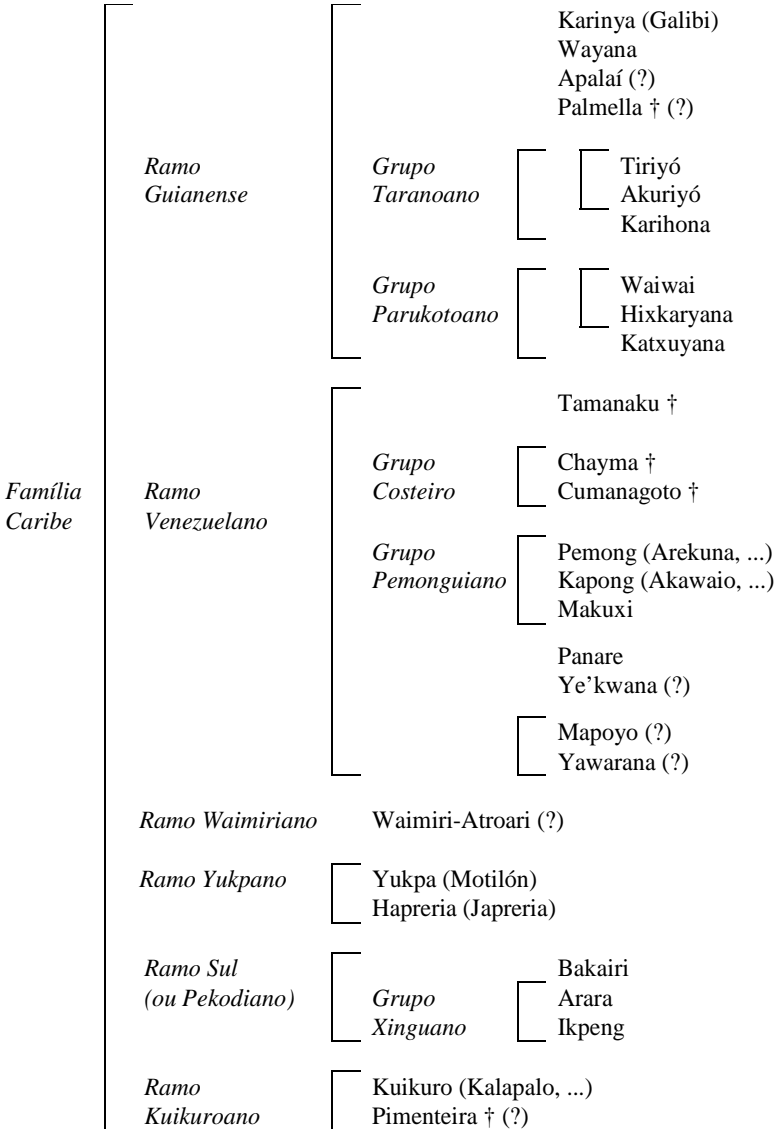
extinguiu, um destino compartilhado por muitas línguas indígenas de todas as famílias lingüísticas da América do Sul; é provável que nunca venhamos a saber quantas exatamente existiram. (Para mais informações sobre a situação das línguas indígenas em geral, veja-se Moore & Gabas, 2006).

O futuro das línguas ainda faladas permanece, por enquanto, incerto. Mesmo nos grupos maiores, encontramos sinais de perda lingüística: entre os Karinya (ou Galibi) do Suriname, já há várias aldeias onde a língua original foi abandonada, exceto por alguns falantes mais idosos, e o número de tais aldeias tende a aumentar (informações mais recentes confirmam que isto aconteceu, entre outras aldeias, naquela em que B. J. Hoff realizou a maior parte da pesquisa que levou à publicação de sua *Carib Grammar* em 1968). Uma situação semelhante ocorre também entre os Makuxi do Brasil (da Terra Indígena Raposa-Serra do Sol, em Roraima), entre os quais há aldeias onde o português tornou-se a língua de uso cotidiano. Há ainda grupos relativamente saudáveis, onde todos falam a sua língua (por exemplo, os Panare, na Venezuela, ou os Bakairi, no Brasil central), mas a maioria compartilha os mesmos perigos, devido à presença, sempre forte, das línguas nacionais envolventes (o português, por exemplo, é conhecido por todos os Bakairi, e há sinais de perda lingüística incipiente na aldeia de Santana). Há, contudo, sinais positivos das sociedades envolventes: os governos dos países amazônicos mostram atualmente certo interesse em manter e apoiar as línguas indígenas (destaque-se, aqui, o governo colombiano, cuja iniciativa parece ser a mais bem elaborada), o que dá alento a uma modesta esperança.

## Classificação

A classificação da família Caribe ainda apresenta vários pontos duvidosos: os especialistas ainda não estão de acordo sobre o grau de parentesco entre as várias línguas, sobretudo porque ainda há muitas línguas Caribe sobre as quais praticamente não há materiais confiáveis. Há bastante polêmica em certos casos (não há certeza, por exemplo, sobre o Waimiri-Atroari, o qual talvez seja um ramo isolado dentro da família, mas talvez também faça parte de um subgrupo junto com o Mapoyo e o Yawarana; os dados disponíveis não permitem uma conclusão definitiva). As classificações mais recentemente publicadas (Girard, 1971; Durbin, 1977; Kaufman, 1994) discordam em muitos aspectos importantes, e uma delas (a de Durbin) apresenta problemas de tal monta que deve ser rejeitada. A classificação da Tabela 4, sugerida pela primeira vez por Meira (2005), deve, portanto, ser vista como uma primeira aproximação, uma tentativa inicial, a qual poderá ser modificada à medida que forem aparecendo mais informações sobre as línguas menos conhecidas. As línguas com classificação mais duvidosa aparecem com uma interrogação entre parênteses (?). Algumas (não todas) línguas já extintas ocorrem na classificação, seguidas por um (†). Subgrupos menores (p.ex. Tiriyo-Akuriyo, Waiwai-Hixkaryana) não têm nomes específicos. Outros nomes da mesma língua, ou nomes de dialetos ou variedades de uma mesma língua, são dados em parênteses.

Tabela 4: Classificação provisória das línguas da família Caribe



## Notas

<sup>1</sup>Doutor pela Universidade de Rice, em Houston, Texas, EUA.

Pesquisador do Departamento de Línguas e Culturas da América Indígena da Faculdade de Letras, Universidade de Leiden, na Holanda.

<sup>2</sup>O termo “tronco” é às vezes utilizado para referir-se a uma família de estrutura complexa (uma “família de famílias”) e de maior antigüidade. Contudo, uma vez que há um grande número de estruturas internas diversas para famílias lingüísticas, com graus maiores ou menores de antigüidade, sem que se veja uma fronteira óbvia entre “troncos” mais complexos e “famílias” menos complexas; parece-nos mais simples usar somente o termo “família”. Note-se que as várias famílias lingüísticas do mundo podem ter poucos ou muitos membros, com uma estrutura interna (“subfamílias”, “ramos” etc.) mais ou menos complicada.

<sup>3</sup>Uma interessante exceção parcial é o Garifuna, falando ainda por vários milhares de pessoas na América Central (Belize, Guatemala). Trata-se do descendente moderno de uma “língua mista”, o Caribe das Ilhas (*Island Caribe*): uma língua de base e gramática arawak, mas com a maior parte do vocabulário tomado a uma língua caribe (provavelmente o Karinya). O Caribe das Ilhas extinguiu-se, como as outras línguas indígenas da região, devido ao contato com os europeus, mas não antes que falantes escapados pudessem levar a língua até a América Central.

<sup>4</sup>Karl von den Steinen lançou em seu trabalho sobre o Bakairi, publicado em 1886 (e também em sua gramática de 1892), a hipótese de que as línguas Caribe teriam sua origem no sul, onde estão atualmente os Bakairi, Kuikuro e Ikpeng, com migrações posteriores para o norte. Esta idéia, apoiada também por Aryon Rodrigues em seu trabalho sobre possíveis relações históricas entre línguas Tupi e Caribe (1985), apresenta sérios problemas (veja-se Meira e Franchetto, 2005). Pesquisas mais recentes sugerem que a hipótese de uma origem no norte, em algum ponto na área de maior concentração de línguas Caribe, é mais convincente.

## Bibliografia

ABBOTT, M. Macushi. In: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUM, G. K. (Eds.). *Handbook of Amazonian languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991. v.3. p. 23-160.

ADAM, L. Matériaux pour servir à l'établissement d'une grammaire comparée des dialectes de la famille caribe. *Bibliothèque Linguistique Américaine*, Paris, v.17, 1893.

ARMELLADA, Cesareo de. *Diccionario de la lengua pemón*. Caracas: Artes Gráficas, 1943. v.2.

\_\_\_\_\_. *Gramática de la lengua pemón*. Caracas: Universidad Católica Andrés Bello, 1994. v.1.

BIET, Antonie. *Voyage de la France équinoxiale en l'Isle de Cayenne*. Paris: Chez François Clouzier, 1664.

BRETON, Père Raymond. *Dictionnaire caraïbe-françois*. Auxerre: Bouquet, 1665.

DE GOEJE, C. H. *Etudes Linguistiques Caraïbes*, Amsterdam, Verhandelingen van de Koninklijke Akademie van Wetenschappen, afdeling letterkunde, v.3, n. 10, 1909.

\_\_\_\_\_. *Etudes Linguistiques Caraïbes*, Amsterdam, Verhandelingen van de Koninklijke Akademie van Wetenschappen, afdeling letterkunde, v.2, n. 49, 1946

DERBYSHIRE, Desmond C. *Hixkaryana*. (Lingua Descriptive Studies, 1). Amsterdã: North-Holland, 1979.

\_\_\_\_\_. *Hixkaryana and linguistic typology*. Dallas: Summer Institute of Linguistics, 1985.

DURBIN, M. A survey of the Carib language family. In: Basso, Ellen. (Ed). *Carib-speaking indians: culture, society and language*. Tucson: University of Arizona Press, 1977. p. 23-38.

GILDEA, Spike. *On reconstructing grammar: comparative Cariban morphosyntax*. New York: Oxford University Press, 1998.

GILIJ, F. S. *Saggio di storia americana, o sia storia naturale, civile, e sacra de' regni, e delle provincie Spagnuole di Terraferma nell' America meridionale*. Roma: Luigi Salvioni, 1780-1783. 4v.

GIRARD, Victor James. *Proto-Carib phonology*. Berkeley: University of Califórnia, 1971. (Tese de Doutorado).

HALL, K. *The morphosyntax of discourse in De'kwana carib*. St. Louis: Washington University, 1988. (Tese de Doutorado).

HAWKINS, R. E. Waiwai. In: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUM, G. K. (Eds.). *Handbook of Amazonian languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998. v.4. p. 25-224.

HOFF, B. J. *The Carib language*. Haia: Martinus Nijhoff, 1968.

KAUFMAN, T. K. The native languages of South America. In: MOSELEY, C.; R. E. ASHER, R. E. *Atlas of the World's Languages*. New York: Routledge, 1994. p.46-76.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. Die Hianákoto-Umáua. *Anthropos (International Review of Ethnology and Linguistics)*, v.3, p. 88-124; p.297-335; p.952-982, 1908.

\_\_\_\_\_. *Von Roraima zum Orinoco: Ergebnisse einer Reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913*. Stuttgart: Strecker u. Schröder, 1916. 4v.

KOEHN, E.; KOEHN, S. Apalai. In: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUM, G. K. (Eds.). *Handbook of Amazonian languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986. v.1. p. 33-127.

MATTEI-MULLER, Marie-Claude. *Diccionario ilustrado panare-español, español-panare: un aporte al estudio de los Panares-E'ñepa*. Caracas: Comisión Quinto Centenario, Gráficas Armitano, 1994.

\_\_\_\_\_. Pémono: eslabón perdido entre Mapoyo y Yawarana, lenguas caribes ergativas de la Guayana noroccidental de Venezuela. *Ameríndia - Revue d'ethnolinguistique*



*Amérindienne*, Paris, v.28, p.32-54, 2003. (n° spécial: Langues Caribes)

MACDONELL, Ronald Beaton. *La phonologie du Makuxi, langue caribe: une analyse fonctionnelle*. Québec: Université Laval, 1994. (Dissertação de Mestrado).

MEDINA, Francia. *Una introducción a la fonética y a la fonología Mapoyo (caribe)*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1997. (Dissertação de Mestrado).

MEIRA, Sérgio. *A grammar of Tiriyo*. Houston: Rice University, 1999. (Tese de Doutorado).

\_\_\_\_\_. *A reconstruction of proto-Taranoan: phonology and morphology*. München: LINCOM Europa, 2000.

MEIRA, Sérgio; FRANCHETTO, Bruna. The southern Cariban languages and the Cariban family. *International Journal of American Linguistics*, v.71, p. 127-192, 2005.

MOORE, Denny; GABAS JÚNIOR, Nilson. O futuro das línguas indígenas brasileiras. In: *Amazônia: além dos 500 anos*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2005. p. 433-454.

PACHÊCO, Frantomé Bezerra. *Morfossintaxe do verbo Ikpeng (Karíb)*. Campinas: UNICAMP, 2001. (Tese de Doutorado).

PELLEPRAT, P. *Introduction à la langue des Galabis, Sauvages de la Terre-Freme de l'Amérique Méridionale*. Paris: s.ed., 1655.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna.. Evidence for Tupi-Cariban relationship. In: KLEIN, H.; STARK, L. *South American Indian languages: retrospect and prospect*. Austin: University of Texas Press, 1985. p.371-404.

RUIZ BLANCO, M. *Arte y tesoro de la lengua cumanagota*, Madrid: s.ed.,[1690]. Reimpresso por J. Platzmann, Leipzig: B. G. Teubner, 1888.

SOUZA, Shirley Dias. *Alguns aspectos morfológicos da língua arara (Karíb)*. Brasília: Universidade de Brasília, 1993. (Dissertação de Mestrado).

SOUZA, Tânia Clemente. *Discurso e oralidade: um estudo em língua indígena*. Campinas: UNICAMP, 1994. (Tese de Doutorado).

STEINEN, Karl von den. *Die Bakairí-Sprache: Wörterverzeichnis, Sätze, Sagen, Grammatik. Mit Beiträgen zu einer Lautlehre der karaïbischen Grundsprache*. Leipzig: Koehler, 1892.

\_\_\_\_\_. *Durch Central-Brasilien: Expedition zur Erforschung des Schingú im Jahre 1884*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1886.

TAUSTE, F. *Arte, vocabulario, doctrina christiana y catecismo de la lengua de Cumana*. [1680]. Reimpresso por J. Platzmann, Leipzig: B. G. Teubner, 1888.

TAVARES, P. S. *A grammar of Wayâna*. Houston: Rice University, 2005. (Tese de Doutorado).

YANGUES, M. *Principios y reglas de la lengua cummanagota*. [1683]. Reimpresso por J. Platzmann, Leipzig: B. G. Teubner, 1888.